



## SONS E SILÊNCIOS: A IMPORTÂNCIA DA MUSICOTERAPIA EM INDIVÍDUOS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

### SOUNDS AND SILENCES: THE IMPORTANCE OF MUSIC THERAPY IN INDIVIDUALS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

*Patrícia Raquel da Silva FERNANDES<sup>1</sup>*

18

**Resumo:** Este estudo procurou demonstrar como a musicoterapia, como técnica terapeuta, contribui para o desenvolvimento integral e harmonioso, no sentido de uma boa integração social, comportamental, cognitiva e emocional de indivíduos com a Perturbação do Espectro do Autismo (PEA). Abordamos a musicoterapia como técnica aplicada a indivíduos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), com o objetivo de incrementar potencialidades nos indivíduos. Utilizamos metodologia qualitativa e quantitativa. Considerando a adequação dos participantes aos objetivos da investigação, utilizamos uma amostra de conveniência, ou seja, uma amostragem não probabilística. Para a obtenção da informação mais detalhada recorremos a análises dos registos do musicoterapeuta. Os instrumentos utilizados foram, o questionário e a entrevista semiestruturada elaborado pelo investigador, e fizemos registo da nossa observação de campo. Concluímos que a musicoterapia é, de facto, um caminho exploratório da dimensão humana em toda a sua complexidade, emergindo canais de comunicação e cuja propagação tem possibilitado recentes e consistentes perspectivas de intervenção nos indivíduos com diagnóstico de Perturbação do Espectro do Autismo (PEA).

**Palavras-chave:** Música. Musicoterapia. Perturbação do Espectro do Autismo. Educação Especial. Intervenção Precoce.

**Abstract:** This study was aimed to demonstrate how music therapy, as a therapeutic technique, contributes to a complete and harmonious development towards a good social, behavioral, cognitive and emotional individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD). We approached music therapy as a technique applied to individuals with Special Educational Needs (SEN), in order to increase there potential. We used a qualitative and quantitative methodology. Considering the suitability of the participants to the objectives of the investigation, we used a convenience sample, that is, non-probability sampling. To obtain the most detailed information we resorted to the analysis of the music therapist's records. We used a questionnaire, a semi-structured interview elaborated by the researcher and we also recorded our field observation. We concluded that music therapy is in fact an exploratory form of the human dimension in all its complexity, emerging communication channels whose spread has enabled recent and consistent intervention perspectives in individuals diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD).

<sup>1</sup> Concluiu II Ciclo de Estudos em Ciências da Educação - Educação Especial pela Universidade Católica Portuguesa em 2012. Frequenta Doutoramento em Estudos da Criança - Educação Especial pela Universidade do Minho desde 2012. É Investigadora Principal na Universidade do Minho. Actua nas áreas de Ciências Sociais com ênfase em Ciências da Educação e Ciências Sociais com ênfase em Outras Ciências Sociais.

**Keywords:** Music. Music Therapy and Autism Spectrum Disorder. Special Education. Early Intervention.

## Introdução

Comunicar e interagir é de uma enorme importância, não só no ensino como na vida cotidiana, onde fica bastante transparente que, quando uma criança ou adulto manifesta complicações significativas, é fundamental uma proposta educacional adaptada para ajudar a afirmar que a criança ou adulto façam um maior progresso. A Música assume já uma importância acrescida, nomeadamente, como opção terapêutica nas crianças com perturbações do espectro do autismo. As canções são poemas que “cantam” a natureza na sua grande diversidade e as pessoas com os seus sentimentos, fantasias e ritos. Uma canção, interpretada em diferentes fases de crescimento do indivíduo faz-lhe despertar diferentes vibrações, quer físicas, quer mentais, quer psicológicas. Desde cedo estas crianças, jovens adultos manifestam um tumulto severo do seu desenvolvimento, concretamente, relacionado com a interação social e propriamente a sua comunicação.

Por outro lado, podem apresentar diversas habilidades a outras áreas, nomeadamente a Música. Segundo Torres (1998, p. 19), a presença da Música é de grande significância para cada sujeito, na medida em que se alia à experiência vivida, ao passado e ao presente. Daí, podermos afirmar que os significados da Música são arquitetados, reproduzidos nas relações, e correspondem com o que é vivido. Nas últimas décadas, o ensino da linguagem musical tem vindo a ser objeto de reflexão contínua, no sentido de tornar compreensível uma linguagem tão abstrata como é a Música.

Conscientes de que, o fundamental da nossa investigação é conseguir intervir na Tríade de Incapacidades para melhor compreender a forma como o autismo afecta um indivíduo nas áreas da comunicação, da imaginação e da socialização, assumimos a nossa investigação como particularista, deliberando sobre casos específicos, procurando descobrir o que há neles de mais essencial e característico, contribuindo para uma compreensão global do fenómeno de interesse. Assim, enunciamos os objectivos referidos, organizando-os do seguinte modo; (i) organizar e rever a literatura existente referente ao tema Perturbações do Espectro do Autismo e Musicoterapia; e (ii) verificar em que aspecto do funcionamento global dos indivíduos com Perturbação do Espectro do Autismo o comportamento é modificável através das sessões de Musicoterapia.



A Música é hoje muito usada como técnica de relaxamento por parte de profissionais, contudo, tende a ser muito apreciada pelos indivíduos com Perturbações do Espectro do Autismo. A Musicoterapia permite uma enorme aproximação por parte destes indivíduos, no que se refere ao ouvir, sentir e tocar. Através deste tipo de atividades, as áreas a trabalhar são inúmeras, desde trabalhar a motricidade, ao executar gestos e até mesmo a dança, desde desenvolver uma acuidade auditiva e também trabalhar questões como o ritmo, a atenção, entre outras.

Comunicar e interagir é de uma enorme importância, não só no ensino como na vida quotidiana, onde fica bastante transparente que, quando uma criança ou adulto manifesta complicações significativas nestas áreas, é fundamental uma proposta educacional adaptada para ajudar a afirmar que a criança ou adulto façam um maior progresso. Ora, não é novidade que tendo em conta os ambientes educacionais regulares, estes oferecem às crianças com Perturbações do Espectro do Autismo uma igualdade de oportunidades, e uma melhor preparação para a vida (HEWITT, 2006).

A importância da Música na formação e na educação preconizada e oficializada na Lei de Bases do Sistema Educativo-LBSE, nº46/86, de 14 de Outubro de 1986.

Abrange todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar ao ensino superior, passando a integrar áreas disciplinares com competências de (...) desenvolver capacidades de expressão e comunicação, (...) desenvolver a imaginação criativa e sensibilizar para a atividade lúdica, (...) assegurando às crianças com NEE (...) condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades. (LBSE, 1986, art.º s 5º e 7º).

## 1 Perturbação do Espectro do Autismo

As Perturbações do Espectro do Autismo constituem uma *Síndrome*, ou seja, designa que os indivíduos afetados não manifestam todos os sinais e sintomas a ela associados. Uma *Síndrome*, no entanto, é algo que pode ter muitas causas diferentes, resultado, porém, num conjunto de sintomas que a distinguem, subordinando-se da causa que dá origem a um dado caso, podendo ter uma maior ou menor sobreposição dos sintomas patentes noutros casos de Autismo em que operaram causas distintas (SIEGEL, 2008).

Destaca Marques (2000, p. 15) que:



O autismo é uma perturbação do desenvolvimento que afecta muitos aspetos de como a criança compreende o mundo que a rodeia e aprende com as suas experiências. As crianças com autismo não apresentam o desejo natural de contato social.

Imensas são as teorias que giram em torno do mesmo, para explicar as Perturbações do Espectro do Autismo. Por um lado, as teorias comportamentais explicam os sintomas com base em características psicológicas e cognitivas subjacentes. Em contrapartida, as teorias neurológicas e fisiológicas fomentam informação com base em características neurológicas. Acima de tudo, embora estas teorias sejam opostas no caminho, não só funcionam de modo complementar como a explicação etiológica tende a ser cada vez mais pertinente, esclarecedora e operacional.

Hoje em dia, parece ser consensual que a PEA consista num distúrbio severo do neurodesenvolvimento, com reverberações muito específicas ao nível da comunicação, da interação social, da dificuldade em utilizar a imaginação, em aceitar alterações das rotinas e à exibição de comportamentos estereotipados e restritos. No entanto, apesar de inúmeras enunciações sobre o autismo infantil se debruçarem sobre as anomalias da interação social, só a partir dos anos 60, a atenção se centra nos défices cognitivos associados a esta perturbação, considerando que, as crianças autistas apresentavam mais do que incapacidade secundária. É neste caminhar, e desenvolvendo inúmeros trabalhos ao redor desta questão que, a explicação etiológica dará cada vez mais e melhor contributo a todos os défices averiguados no autismo.

Segundo Kaner (1943) citado por Marques (2000, P. 54), devemos assumir que estas crianças nascem com uma incapacidade inata para proceder da forma biologicamente correta ao contato afetivo com os outros, tal como outras crianças nascem com outro tipo de incapacidades físicas ou mentais. Por norma este tipo de indivíduo falha no desenvolvimento de relações sociais com os pares, que seriam adequadas ao seu nível de crescimento, ou seja, pode ocorrer uma ausência da busca espontânea, e da partilha de interesses com outras pessoas (e.g., não apontar objetos que lhe interessam). A perturbação da interação recíproca é notória e visível, podendo também ocorrer uma incapacidade marcante no uso de múltiplos comportamentos não-verbais (e.g., como o contato pelo olhar, a expressão facial, postura corporal), que regulam a interação social e a comunicação. (MARQUES, 2000, p. 28).

No entanto, segundo Lorna Wing (apud WING; GOULD, 1979), para deprender melhor a forma como o autismo afeta um indivíduo, é importante examinar a Tríade de Incapacidades

a seguir, destacando, em consonância com parte da literatura, as incapacidades nas áreas da comunicação, da imaginação e da socialização:

- **Comunicação:** Possuem dificuldade em compreender a necessidade do cumprimento ou em tirar partido de uma conversa. Mesmo nas crianças que falam, é frequente que elas falem “para” os outros, mas não “com” os outros. É como se não compreendessem que a linguagem é um instrumento de transmissão de informação social e emocional para os outros. Eles podem ser capazes de falar das suas necessidades, mas têm grandes dificuldades em falar acerca de sentimentos, pensamentos ou entender as emoções, ideias e crenças, das outras pessoas. Habitualmente, usam poucos gestos, mímica ou variações no seu tom de voz para se expressarem, embora alguns dos mais capazes o façam, fazem-no de uma forma desajeitada ou inapropriada. Alguns dos autistas mais capazes e que verbalizam, podem ficar fascinados com certas palavras, mas não as usam para a comunicação recíproca. Repetindo-as por vezes em contextos desadequados, exprimem-se num tom monocórdico sem variações da melodia.

- **Imaginação:** Têm na maioria dos casos, uma incapacidade para brincar com os objetos e brinquedos com as outras crianças ou adultos. Por outro lado, tendem a selecionar pormenores do brinquedo ou situação, em vez de lhe atribuírem um significado: por exemplo fixam-se na roda de um carrinho, ou num desenho de um livro de histórias.

- **Socialização:** Pode-se caracterizar por uma indiferença aparente aos outros ou isolamento, no entanto, algumas crianças autistas gostam de um certo contato afetivo, que mantêm com pessoas que conhecem bem, mas regra geral são indiferentes às crianças da sua idade.

Segundo Jordan (2000, p. 12) citado por Marques (2000), é esta tríade que define o que é comum a todas elas, consistindo em dificuldades em três áreas do desenvolvimento, mas nenhuma dessas áreas, isoladamente e por si só, se pode assumir como reveladora de “autismo”. É a tríade, no seu conjunto, que indica se o indivíduo estará, ou não, a seguir um padrão de desenvolvimento anómalo e, no caso de se registar uma deficiência numa das áreas apenas, ela poderá radicar numa causa completamente diferente.

De um modo geral Wing (1988) o quadro do autismo pode variar consideravelmente, pelo que propõe a introdução do conceito *Espetro do Autismo*, que concebe a ideia de uma gama variada de manifestações do comportamento do mesmo distúrbio (MARQUES, 2000, p. 31).

Contudo, a designação *Espetro do Autismo*, refere-se a uma condição clínica de alterações cognitivas, linguísticas e neuro-comportamentais, de forma a qualificar as várias combinações de sintomas, necessárias para compreender a perturbação do espectro do autismo e as divergentes necessidades dos indivíduos. De concordância com (ALFERES, apud COSTA, 2010), a definição que mais unanimidade obteve foi aquela que considera as Perturbações do Espectro do Autismo como uma perturbação do desenvolvimento, onde as manifestações comportamentais aparecem até aos trinta e seis meses de idade, sendo caracterizado de um modo sumário por, a) dificuldades nas interações sociais recíprocas; b) atividades e interesses restritivos e repetitivos; c) dificuldades na comunicação e no jogo imaginativo(p. 48).

Colmatando o que foi dito anteriormente, à medida que os indivíduos com perturbação do espectro do autismo são diagnosticados mais precocemente e começam a receber tratamentos de última geração, esperar-se-á que as taxas de melhorias alterem significativamente, embora como refere Benezon (1988, p. 140) onde considera que através da sua longa experiência pessoal de trabalho com as crianças autistas, que o autismo é uma prolongação patológica e deformada do psiquismo fetal e que o seu objetivo era trabalhar com uma espécie de feto que se defende contra os medos de um mundo externo desconhecido e por outro lado, contra as sensações das deficiências do seu mundo interior por isso considerava que, para trabalhar com estas crianças há que criar situações ambientais e estímulos que produzam a reminiscência do período gestacional.

O quadro clínico conhecido como “Autismo” é designado por “*Perturbação Autística*” pela American Psychiatric Association (APA), Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – DSM - IV – TR (2002) e descrito no contexto das chamadas Perturbações Globais do Desenvolvimento (PGD), que tem vindo a ser sucessivamente reformulado à luz dos vários progressos do conhecimento.

Numerosas alterações no campo do diagnóstico do Autismo surgiram com o novo DSM – IV – TR (2002). Mais à frente, nos respetivos quadros reportam-se, nomeadamente, os critérios de diagnóstico para a perturbação Autística, os critérios de diagnóstico para a perturbação de Rett, os critérios de diagnóstico para a perturbação Desintegrativa da Segunda Infância e por último encontra-se representada a perturbação de Asperger.

Segundo o DSM – IV – TR (2002), quanto às Perturbações do Espectro do Autismo ou Perturbações Globais de Desenvolvimento podemos ver que “(...) são caracterizadas por um

déficite grave e global em diversas áreas do desenvolvimento: competências sociais, competências de comunicação ou pela presença de comportamentos, interesses e atividades estereotipadas” (p. 69).

Tendo ainda como referência o DSM – IV – TR (2002), podemos afirmar que os défices qualitativos que definem as perturbações vão variando conforme a idade cronológica, dependendo, contudo, do seu nível de desenvolvimento.

## 2 Aspectos Metodológicos

### 2.1 Objetivos

- Compreender os efeitos da Musicoterapia no tratamento de adultos com Perturbações do Espectro do Autismo;
- Facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização dos processos psíquicos de um ou mais indivíduos para que sejam capazes de desenvolver todo o seu potencial;
- Analisar mudanças significativas sobre o impacto da Musicoterapia na relação do sujeito com ele próprio e para com os outros;
- Identificar a função terapêutica nas dimensões psicofisiológicas e emocionais.

### 2.2 Método

Quando a investigação se incrementa no âmbito das Ciências da Educação esta é, particularmente, dirigida para comportamentos e ações sociais, na qual a investigação qualitativa se revela como a mais adequada. Assim, ponderamos para este estudo, uma metodologia de investigação de natureza qualitativa, uma vez que se busca, quer a globalidade e a compreensão dos fenómenos, quer um enfoque de análise de cariz indutivo, holístico e ideográfico. Desta forma, a metodologia qualitativa permite-nos estudar a realidade sem a fragmentar e sem a descontextualizar, partindo-se dos próprios dados (ALMEIDA; FREIRE, 2010).

### 2.3 Amostra



A amostra do nosso estudo é composta por 13 adultos com Perturbação do Espectro do Autismo com diferentes níveis etários, de ambos os sexos, sendo 23,1 % (N = 3) do sexo feminino e 76,9 % (N = 10) do sexo masculino. Todos estes adultos com Perturbação do Espectro do Autismo frequentam a APPDA – Norte (Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo), uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) da cidade de Vila Nova de Gaia, localidade onde todos os adultos residem.

## 2.4 Procedimentos

A aplicação dos instrumentos foi precedida de um pedido de autorização aos órgãos diretivos e um pedido de consentimento aos pais dos adultos da APPDA – Norte, instituição particular de solidariedade social de Vila Nova de Gaia. Foram aplicados os questionários aos técnicos, atendendo à aceitação possível por parte destes. Uma vez obtido o consentimento por parte dos pais e aproveitando as suas disponibilidades, foram-lhes entregues os inquéritos, no qual, também estes, da forma possível, foram respondendo.

Dado o carácter ecológico e diligente desta visão e de forma a garantirmos a segurança e realidade nos procedimentos de explicação, optamos por manter o mesmo princípio avaliador, de modo a que pudesse diminuir a ocorrência de interferências.

## 3 Resultados

Considerando um conjunto de informações relevantes à nossa investigação efetivamos a junção dos dados recolhidos, designadamente a nível social, emocional e comportamental, cujos resultados sejam claros e credíveis. Assim, tendo em conta a inclusão da musicoterapia no tratamento de indivíduos com perturbação do espectro do autismo, categorizou-se segundo a *Triade de Incapacidade* em três distintas áreas: comunicação, socialização e imaginação, para uma melhor compreensão.

A nossa investigação procura reformar essa experiência, usando para isso métodos que nela se baseiam directamente ou que dela se aproximam. Pretende-se conhecer a realidade tal como ela é vista pelos actores que nela intervêm directamente. Nesta perspectiva, Bogdan e Biklen (1982) consideram que formas múltiplas de interpretar as experiências estão ao nosso alcance através da nossa interacção com os outros. Sustentam com ênfase na preocupação que



os investigadores precisam de ter em compreender o pensamento subjectivo dos participantes nos seus estudos. Assim, Eisenhart (1988, p. 103-104) afirma que:

O investigador deve estar envolvido na actividade como um insider e ser capaz de reflectir sobre ela como um outsider. Conduzir a investigação é um acto de interpretação em dois níveis: as experiências dos participantes devem ser explicadas e interpretadas em termos das regras da sua cultura e relações sociais, e as experiências do investigador devem ser explicadas e interpretadas em termos do mesmo tipo de regras da comunidade intelectual em que ele ou ela trabalha.

Os instrumentos utilizados nesta investigação, para colheita dos dados, por entendermos de grande inteligibilidade, fiabilidade e validade, são a entrevista, os questionários e os inquéritos. O recurso a estes instrumentos de recolha de informação possibilita ao investigador qualitativo um contacto directo e aprofundado com os participantes, “*nos seus contextos ecológicos*” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.16). O instrumento de recolha de dados é “*o utensílio utilizado pelo investigador para recolher a informação válida e pertinente à realização do trabalho de pesquisa*” (GIL, 1989, p. 91).

### Entrevista aplicada ao Musicoterapeuta Subcategoria A

#### Musicoterapeuta

#### Subcategoria A1

##### Nível Social

“Prefiro ver o Autismo como uma Perturbação que afeta capacidades de um indivíduo a nível do neuro-desenvolvimento do mesmo e que dificulta a leitura de todo o meio envolvente com todos os seus aspetos sociais, de interação, a leitura que se faz dos estímulos e normas que gerem o meio ambiente e principalmente o valor da comunicação (...) conjunto de sons verbais, a que se chama comunicação, que não é de fácil entendimento”.

#### Subcategoria A2

##### Nível Emocional

“A música é um conjunto de sons, que através dos fatores ritmo/melodia/harmonia se torna agradável ao ouvido (...) independentemente de rótulos”.  
“Ouvir só por ouvir, para quem gosta de música, já por si só produz bem-estar”.

#### Subcategoria A3

##### Nível Comportamental

“Assim como eu disse, o comportamento é expandido e passa a todo o universo de interesses (...) também nos progressos o leque de imediato em várias áreas são maiores e mais generalizados. Num caso simples: “um jovem que na música se torna mais apto a utilizar as baquetas numa caixa ou bombo, melhor utilizará a faca e garfo para comer”.

## Entrevista aplicada ao Musicoterapeuta Subcategoria B

### Musicoterapeuta

#### Subcategoria B1 Comunicação

“Claro que se falarmos em comunicação verbal, ou se tem ou não se tem. Mas todos sabemos que somos comunicadores por excelência. Nós falamos com as mãos, falamos com os olhos, com expressões faciais, as pessoas com autismo são ricas nessa matéria”.

#### Subcategoria B2 Socialização

“Seja qual for a terapia, o importante é que haja uma mudança coletiva na forma de conviver com as pessoas, mais uma vez tenham elas rótulos ou não, se a equipa técnica saborear o momento de troca de experiências com as crianças com autismo, aprendam um novo código e uma nova gramática para se entenderem, isso irá surtir efeitos terapêuticos em ambos os lados”.

#### Subcategoria B3 Imaginação

“A imaginação numa pessoa com autismo está mais comprometida, mas mesmo assim o mundo imaginário não se rege só pelas nossas regras. Assim, talvez tenhamos que aprender as regras que não nos foram a nós ensinadas por ninguém, desde pequenos, e quem sabe viveremos com outra imaginação e os compreendamos melhor”.

Partindo da interpretação das análises de conteúdo da entrevista, dos inquéritos e questionários elaborados, procederemos à discussão alargando-a ao quadro de outras investigações e síntese da literatura relacionada. Fundamentados nas questões, que desde início presidem à materialização do nosso estudo, organizamos e discutimos seguidamente a informação recolhida.

Assente nas palavras de Nelson e Thomas (2002), “*indubitavelmente a fonte mais comum de dados em estudos qualitativos*” (p.325), partindo ao encontro das actuais ideias de Sousa e Baptista (2011) a entrevista é um acto de diálogo, subjacente a uma relação pessoal, e guiada para um determinado objectivo, “*cujo método de recolha consiste em conversas orais, individuais e de grupos com várias pessoas cuidadosamente seleccionadas*” (p. 79).

Segundo Sousa e Baptista (2011), “*o guião de entrevista é um instrumento para a recolha de informações na forma de texto que serve de base à realização de uma entrevista*” (p. 83). Assim, de modo a tornar a entrevista mais agradável para ambas as partes, consideramos importante elaborar um guião, de forma a transformar os objectivos do estudo em temas ou questões.

A entrevista decorreu envolta de um ambiente harmonioso, confortante, para estimular a livre expressão do entrevistado e permitir produzir a mesma numa curta duração, variando entre 20 a 40 minutos, evitando incómodo para ambas as partes.

Posteriormente, procedeu-se a um registo escrito da entrevista, que foi dactilografada, respeitando fidedignamente e integralmente o proferido pelo entrevistado.

Conforme afirmaram Sousa e Baptista (2011), analisar e interpretar “em termos de investigação, corresponde à etapa onde se registam, analisam e interpretam os dados” tendo em conta que “é um processo de decomposição de um todo nos seus elementos, procedendo posteriormente à sua examinação, de uma forma sistemática, parte por parte” (p. 106).

Para Bardin (2004), “a categorização é o processo através do qual podemos classificar os elementos constituintes de um conjunto por diferenciação e, posteriormente, por reagrupamento, segundo critérios pré-definidos” (p.112).

Segue-se a fase da categorização, cujos requisitos são: homogeneidade, pertinência, objectividade e fidelidade, e a última fase, a do tratamento e interpretação, possibilitando que os resultados obtidos se organizem em análises reflexivas, em observações individuais e gerais da entrevista.

Desta feita, consideramos um conjunto de informações relevantes à nossa investigação e efectivamos a junção dos dados recolhidos, designadamente a nível social, emocional e comportamental, cujos resultados sejam claros e credíveis. Assim, tendo em conta a inclusão da musicoterapia no tratamento de indivíduos com perturbação do espectro do autismo, categorizou-se segundo a “Tríade de Incapacidade” em três distintas áreas: comunicação, socialização e imaginação, para uma melhor compreensão.

### 3.1 Questionário aplicado aos Técnicos

Música	Indeciso (a)	Concordo	Concordo Totalmente	Discordo
1. A Música consiste numa combinação de sons e silêncios.		88,89%	11,1%	
2. A Música deve fazer parte integrante da educação geral do homem. O organismo humano é suscetível de ser educado eficazmente, conforme a ordem e o impulso da Música.	5,56%	22,2%	72,2%	
3. A Música é considerada como	5,56%	77,78%	16,67%	

uma prática cultural e humana, crucial na aprendizagem, proporcionando a base primordial para a auto-expressão das emoções.

4. A Música tem um grande impacto tanto na educação de indivíduos em geral, como na educação de indivíduos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).	77,78%	22,2%
5. O estímulo musical representa um canal alternativo para a comunicação caso a pessoa não responda aos canais de comunicação normais.	5,56%	55,56%
		38,89%

Gráfico 1: Afirmações (1 – 5)

Através da análise do gráfico 1, podemos constatar, segundo a amostra que, **“a música consiste numa combinação de sons e silêncios”**, visto que, 88,89% dos inquiridos concordam e os restantes 11,1 % dos inquiridos concordam totalmente com a afirmação. O mesmo se verifica aquando da afirmação 4 que enuncia que **“a música tem um grande impacto tanto na educação de indivíduos em geral, como na educação de indivíduos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) ”**, onde verificamos que, 77,78% dos inquiridos concordam e 22,2% concordam totalmente.

Tal não acontece quando analisadas as afirmações 2, 3 e 5, onde a mesma percentagem de inquiridos 5,56% se mostram indecisos. Mesmo com este resultado de indecisão, podemos constatar que as percentagens correspondentes aos inquiridos que concordam levam preeminência.

<b>Musicoterapia</b>	Indeciso (a)	Concordo	Concordo Totalmente	Discordo
6. A Musicoterapia é um tratamento através da Música que estimula no paciente uma atividade interior e exterior, psíquica e física, com a finalidade de comunicação e integração social.	27,78%	50%	22,2%	
7. A Musicoterapia atenua os comportamentos estereotipados	16,67%	72,2%	11,1%	

característicos dos jovens diagnosticados com a Perturbação do Espectro do Autismo (PEA).				
8. Os jovens com PEA que apresentam dificuldades na comunicação, socialização e imaginação, beneficiam com a Musicoterapia.	5,56%	77,78%	16,67%	
9. O musicoterapeuta não desempenha o papel de professor de Música, pois seus objetivos são terapêuticos e não pedagógicos.	16,67%	55,56%	16,67%	11,1%
10. A Musicoterapia pode ser considerada uma arte e uma ciência paramédica com objetivos terapêuticos.	50%	44,4%	5,56%	

Gráfico 2: Afirmações (6 – 10)

Conforme podemos observar no gráfico 2, ao contrário do gráfico anterior, 11,1 % dos inquiridos discordaram na afirmação 9, constatando-se que, o musicoterapeuta desempenha o papel de professor de Música, contrariando estudos e definições anteriores.

Nas restantes afirmações, 6, 7, 8 e 10 as opiniões dividem-se entre o concordo, o concordo totalmente e o indeciso (a), embora, as maiores percentagens manifestam-se quando os inquiridos concordam com as afirmações, onde podemos destacar a afirmação com maior percentagem, onde 77,78 % dos inquiridos concordam que *“os jovens com PEA que apresentam dificuldades na comunicação, socialização e imaginação, beneficiam com a Musicoterapia”*.

Perturbação do Espectro do Autismo	Indeciso (a)	Concordo	Concordo Totalmente	Discordo
11. A maioria das crianças com PEA começa a manifestar anomalias do desenvolvimento nos 2 primeiros anos de vida.	5,56%	55,56%	38,89%	
12. O Autismo é uma perturbação do desenvolvimento que afeta muitos aspetos de como a criança compreende o mundo que a rodeia e aprende com as suas experiências.	16,67%	38,89%	16,67%	

13. Os jovens com Autismo não apresentam o desejo natural de contacto social.	<b>38,89%</b>	<b>38,89%</b>	<b>16,67%</b>
14. O Autismo resulta de uma perturbação de determinadas áreas do sistema nervoso central, que afetam a linguagem, o desenvolvimento cognitivo e intelectual e a capacidade de estabelecer relações.	<b>11,1%</b>	<b>66,67%</b>	<b>16,67%</b>
15. Características comportamentais como a sociabilidade, o jogo, a linguagem, a comunicação no seu todo, assim como o nível de atividade e o repertório de interesses distinguem os jovens autistas dos demais que apresentam outro tipo de perturbações.	<b>11,1%</b>	<b>66,67%</b>	<b>5,56%</b>

Gráfico 3: Afirmações (11 – 15)

Pela leitura do gráfico 3, verificamos que houve ausência de resposta por parte de um inquirido no que respeita às afirmações 12, 13, 14 e 15. Isto enquadra-se nos tipos de erros não amostrais, sendo que, o /s indivíduo/s não responde/m, logo são considerados erros por falta de resposta.

Sendo assim, quando examinada a afirmação 15 onde afirmamos que *“características comportamentais como a sociabilidade, o jogo, a linguagem, a comunicação no seu todo, assim como o nível de actividade e o repertório de interesses distinguem os jovens autistas dos demais que apresentam outro tipo de perturbações”*, 77,78% dos inquiridos concordaram. Na afirmação 14, 66,67% dos inquiridos concordam quando afirmamos que *“o autismo resulta de uma perturbação de determinadas áreas do sistema nervoso central, que afectam a linguagem, o desenvolvimento cognitivo e intelectual e a capacidade de estabelecer relações”*. Já na afirmação 13, a mesma percentagem de inquiridos que concordam é a mesma de inquiridos que se encontram indecisos (as), sendo esta de 38,89%. Por outro lado, nesta afirmação 13, evidencia-se uma percentagem de 16,67% de inquiridos que discordam da afirmação.

Contudo, grande parte dos inquiridos concorda, com uma percentagem de 61,1% relativa à afirmação 12 que *“o autismo é uma perturbação do desenvolvimento que afecta*

*muitos aspectos de como a criança compreende o mundo que a rodeia e aprende com as suas experiências”.*

Por fim, olhando para a afirmação 11 onde, *“a maioria das crianças com PEA começa a manifestar anomalias do desenvolvimento nos 2 primeiros anos de vida”*, a maior percentagem correspondente a 58,89% dos inquiridos manifesta concordar totalmente, seguindo-se a percentagem de 55,56% dos inquiridos que manifesta concordar. Uma percentagem muito reduzida de 5,56% dos inquiridos demonstra indecisão.

Segundo Pereira, Vieites e Lopes (2007, p. 81), a análise dos questionários aplicados aos técnicos, alargando esta ao quadro de outras investigações e síntese da literatura relacionada, permitiu-nos inferir que a música está cheia de silêncios, o próprio silêncio pode estar carregado de musicalidade e consequentemente de terapia e que, consequentemente, a musicoterapia é utilizada como método terapêutico na medida em que trata de necessidades psicológicas, físicas, cognitivas e realiza progressos em muitas enfermidades.

A música tem um grande impacto tanto na educação dos indivíduos em geral, como na educação dos indivíduos com necessidades educativas especiais (NEE), visto que, o organismo humano é suscetível de ser educado eficazmente, conforme a ordem e o impulso da música.

Face aos resultados obtidos junto da amostra, podemos afirmar, tendo como base a tríade de incapacidades, relativamente às áreas de comunicação, socialização e imaginação, que os indivíduos com PEA beneficiam com a musicoterapia e que a musicoterapia pode ser considerada uma arte e uma ciência paramédica com objetivos terapêuticos.

### **3.2 Inquérito aplicado aos Encarregados de Educação**

A aplicação dos instrumentos foi precedida de um pedido de autorização aos órgãos directivos e um pedido de consentimento aos pais dos adultos da APPDA – Norte, instituição particular de solidariedade social de Vila Nova de Gaia. Uma vez obtido a autorização por parte da instituição, o segundo passo constou de um pedido formal aos pais dos adultos. Para tal, enviamos um pedido de consentimento elaborado por nós, onde se explicava a natureza e interesse do estudo, no qual após o preenchimento e no caso de aceitarem a colaboração, teriam de o devolver.



Deferido o pedido, e uma vez cumpridos estes requisitos prévios, a recolha de dados qualitativos para este estudo empírico aconteceu, em contexto físico da instituição, numa sala bem familiarizada dos indivíduos, a sala de musicoterapia, espaço de grande empatia e de conforto. Este espaço utilizado, respeitava as condições físicas necessárias à não interferência de elementos perturbadores. Desde o primeiro contacto, procuramos investir, num envolvimento pessoal favorável, que veio a traduzir-se num ambiente de trabalho descontraído e informal pelos indivíduos com PEA. Foram aplicados os questionários aos técnicos, atendendo à aceitação possível por parte destes.

Uma vez obtido o consentimento por parte dos pais e aproveitando as suas disponibilidades, foram-lhes entregues os inquéritos, no qual, também estes, da forma possível, foram respondendo.

Observar sociologicamente tem como base teórico metodológica, estudar fenómenos sociais, analisando as pessoas nas suas relações de interdependência, tentando, de alguma forma, explicá-los. Assim, a aplicação dos instrumentos respeitou a planificação relativa à ordem dos testes a realizar, a qual decidimos em função da sua natureza e exigências. Dado o carácter ecológico e diligente desta visão e de forma a garantirmos a segurança e realidade nos procedimentos de explicação, optamos por manter o mesmo princípio avaliador, de modo a que pudesse diminuir a ocorrência de interferência.

O inquérito aplicado aos Encarregados de Educação é constituído por três módulos: I – Identificação Pessoal; II – Problemática sobre Autismo; III – Inclusão da Musicoterapia no Tratamento de indivíduos com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA). Após as análises estatísticas e outras de carácter qualitativo em função das questões que, desde início nos orientam na concretização do nosso estudo, sistematizamos e discutimos agora a informação recolhida. A análise dos inquéritos aplicados aos encarregados de educação no âmbito da problemática sobre autismo permitiu-nos inferir que, dos 13 casos em estudo, o período de diagnóstico deu-se na infância.

O conjunto de resultados obtidos permitiu-nos concluir também que, dos 13 casos diagnosticados com a problemática sobre autismo, 9 casos manifestam maior incidência no aspeto mental, seguindo-se o aspeto emocional/comportamental, o aspeto social e de igual número de casos, apenas 2, o aspeto motor e cognitivo.

Uma outra informação a analisar e não menos importante, é o facto de um pequeno número dos inquiridos, apenas 3, utilizarem como meios de apoio para melhorar as

capacidades, desenvolvendo o seu potencial, a musicoterapia, visto que, posso afirmar que todos os 13 elementos constituintes da amostra beneficiam da musicoterapia. Com isto, podemos constatar a evidente falta de informação por parte dos encarregados de educação no que se refere aos objetivos e papel do musicoterapeuta, dados estes, confirmados pelo próprio musicoterapeuta.

Por fim, numa apreciação global da informação recolhida, podemos concluir pela objetividade do instrumento utilizado (inquérito aos encarregados de educação).

A análise dos inquéritos aplicados aos encarregados de educação no âmbito da inclusão da musicoterapia no tratamento de indivíduos com PEA permitiu-nos inferir que, aquando da questão relativa à definição de musicoterapia, mediante visão dos inquiridos afirmar, juntamente com investigações anteriores que, a musicoterapia é vista como um tratamento através da música, cuja finalidade, é abrir canais de comunicação e integrar os indivíduos na sociedade, tendo em conta que, a musicoterapia se assume na sociedade como detentora de um carácter terapêutico.

O conjunto de resultados obtidos permitiu-nos concluir também que, grande parte dos inquiridos sentiu melhorias significativas por parte dos seus educandos, após a inclusão dos mesmos na musicoterapia. Uma outra informação a analisar e não menos importante, é o facto de a musicoterapia atenuar os comportamentos estereotipados dos indivíduos com PEA. Por fim, face às melhorias sentidas pelos encarregados de educação nos seus educandos após inclusão destes na musicoterapia, podemos constatar que se manifestam a nível comportamental e social/emocional.

### **Comentários Finais**

Nesta circunstância do trabalho, cujo preceito obriga à sua conclusão, afirmamos seguramente ser o estudo da Musicoterapia, como terapia em indivíduos com Perturbações do Espectro do Autismo, uma investigação longe de estar concluída. Contudo, acreditamos, seguramente, de termos alicerçado possibilidades de projectos futuros exequíveis, seja numa lógica de investigação, seja abrindo as portas para a intervenção psicossocial e educativa.

Estamos convencidos, pela questão orientadora e pelos objectivos, todos os processos, actividades e estratégias desenvolvidas tiveram como intenção a angariação de respostas credíveis.



Feitas estas apreciações prévias, albergamos os aspectos essenciais do nosso trabalho. Uma vez analisados os resultados obtidos junto da nossa amostra, estamos em condições de enunciar deduções ou responder aos principais objectivos propostos precedentemente.

Assim, a terapia através da Música é um novo subterfúgio com novas potencialidades no tratamento de indivíduos com Perturbação do Espectro do Autismo. Considera-se a Musicoterapia como sendo uma ciência paramédica. Quando se assiste a uma sessão de Musicoterapia, verifica-se que o terapeuta utiliza a Música e os seus elementos constituintes, isto é, o ritmo, a melodia e a harmonia, para além dos movimentos, a expressão corporal e toda a forma de comunicação verbal e não-verbal com objectivos terapêuticos. As sessões devem ser desenvolvidas num processo coordenado por um musicoterapeuta qualificado, com apenas um paciente ou então um grupo.

A Musicoterapia oferece a oportunidade de uma nova comunicação terapêutica, que pode ser eficaz e suprir lacunas de outras terapias, porém, é necessário que se criem as condições básicas para o seu desenvolvimento. Como objetivo fundamental do musicoterapeuta, este, procura ajudar os seus pacientes a abrirem canais de comunicação e, até, a reabilitar as necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. As necessidades educativas dos indivíduos com Perturbação do Espectro do Autismo devem ser determinadas de forma individual. As atividades com Música favorecem a inclusão das mesmas, através do seu lado lúdico e de livre expressão, são uma forma de relaxar e acalmar o indivíduo, tornando-se fator de desinibição, contribuindo para um maior contacto social, despertando noções de respeito e consideração pelo outro, abrindo espaço para novas aprendizagens. Nesta trajetória de vida, a Música é encarada como uma atividade criadora de um sujeito que o direciona e o encaminha à Musicoterapia.

Portanto podemos assegurar que, a Música permite que o indivíduo com PEA possa conectar-se com as emoções de uma forma imediata e autêntica, rompendo as barreiras e defesas que os contêm de comunicar e de expressar os sentimentos que padecem. Isto é, a partir dali nasce um dos objetivos fundamentais da Musicoterapia, com uma função moderadora/inclusiva, e ao mesmo tempo permite aos indivíduos processar os seus sentimentos e finalmente, reintegrá-los nas habilidades da vida quotidiana.

Os elementos dinâmicos que se consideram nesta técnica terapeuta são o/s paciente/s, a Música, o terapeuta e as palavras, todos eles se conjugam e atuam favorecendo o processo terapêutico. Sendo como objetivo primordial deste tipo de trabalho afastar os obstáculos que



impedem o paciente de se dar conta de todo o seu potencial e atingir os objetivos pessoais. Afastá-los implica aceder ao material inconsciente, ganhar conhecimento, libertar energia defensiva e redirigi-la para aspirações positivas e desenvolver equilíbrio e criatividade.

Sintetizando, cada sessão de Musicoterapia apresenta as suas próprias características, que por sua vez têm pontos em comum, ora todos coincidem em que o paciente é o centro da terapia e que esta deve protagonizar o seu próprio processo terapêutico através da Música. Contudo, o objetivo final é que o paciente possa, com as ajudas pertinentes, ampliar a consciência emocional, a autoestima, o autocontrolo e as habilidades sócio-afetivas para a vida diária.

## Referências

ALMEIDA, L. S.; FREIRE, T. *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. 5. ed. Braga-PT: Psiquilíbrios, 2010.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV-TR. *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores, 2002.

AMARAL, N. D. Hospitalidade. *Revista de saúde mental e relações humanas. Música e Dançoterapia*, v. 164, n. 42, p. 165-174, 1978.

BENENZON, R. *Manual de Musicoterapia*. Barcelona: Paidós, 1985.

BENENZON, R.; GAINZA, V. H.; WAGNER, G. *Sonido – Comunicación – Terapia*. Salamanca: Amarú Ediciones, 1988.

BOGDAN, R., & BIKLEN, S. K. *Qualitative research for education: An introduction to theory and methods*. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

BOGDAN, R. & BICKLEN, S.. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRUSCIA, K. *Modelos de Improvisación en Musicoterapia*. Vitoria. Agruparte, 1999.



\_\_\_\_\_. *Musicoterapia – Métodos y Prácticas*. México: Editorial Pax/ Librería Carlos Cesarman, 2007.

HEWITT, S. *Compreender o Autismo – estratégias para com os alunos nas escolas regulares*. Porto Editora, 2005.

MORENO, J. J. *Activa tu música interior. Musicoterapia y Psicodrama*. Barcelona: Herder, 2004.

NELSON, J. R.; THOMAS, J. R. *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

OZONOFF, S.; DAWNSON, G.; McPARTLAND, J. *A Parent's Guide to Asperger Syndrome and High-Functioning Autism: How to meet the Challenges and Help your Child Thrive*. New York: Guilford Press, 2002.

OZONOFF, S.; ROGERS, S.; HENDREN, R. *Perturbações do Espectro do Autismo. Perspectivas da Investigação Actual*. Lisboa: Climepsi Editores, 2003.

PORTUGAL. Lei n.º46/86. Lei de Bases do Sistema Educativo. Lisboa: *Diário da República* – I Série, n.º237 – de 14 de Outubro de 1986, p. 3067-3081.

PEREIRA, J. D. L.; VIEITES, M. F.; LOPES, M. S. *Animação, Artes e Terapias*. Lisboa. Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural, 2007.

PEREIRA, M. C. *Autismo, uma perturbação evasiva do desenvolvimento*. Vila Nova de Gaia. Gailivro, 2005a.

\_\_\_\_\_. *A Família e a Escola Face ao Autismo*. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2005b.

Kanner, L. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, v. 2, p. 217 – 250, 1943

SACKS, O. *Um antropólogo em Marte – sete histórias paradoxais*. Lisboa: Relógio D'Água Editoras, 1995.

SIEGEL, B. *O Mundo da criança com Autismo. Compreender e tratar perturbações do Espectro do Autismo*. Porto: Porto Editora, 2008.



SILVA, S. S. *A Expressão Musical: (Re) Posição Social de adolescentes com Perturbações do Espectro do Autismo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial)- Universidade Católica de Braga, 2009.

SOUSA, A. B. *Psicoterapias Activas: (Arte-Terapias)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

SOUSA, M. J.; BAPTISTA, C. S. *Como fazer investigação, dissertações, tese e relatórios, segundo Bolonha*. Lisboa:Pactor, 2011.

TORRES, R. M. *As canções tradicionais portuguesas no ensino da música – contribuição da metodologia de Zóltan Kodály*. Lisboa: Caminho Editora, 1998.

*Recebido em: 13 de janeiro de 2015*

*Reformulado: 08 de maio de 2015*

*Aceito em: 24 de maio de 2015*